

uso da voz é modulado segundo determinadas formas de dicção e de escansão dos textos, pela gestualidade e a dança, como herdeira do *soul* (o canto autêntico da alma), representa sobretudo um verdadeiro trabalho de subversão da linguagem. Como o *preaching* das igrejas baptistas e pentecostistas, que é improvisação vocal com resposos cadenciados, com finalidade poética e emotiva, a improvisação rap faz parte do rito e leva ao transe. A ritualidade adolescente da nossa sociedade em nada se identifica com o ritualismo das nossas celebrações cansadas, sem ritmo e sem corpo. Porque admirar-se que não haja jovens nas nossas celebrações? De novo emerge a questão que coloquei, relativa ao “espaço de experiência” e ao “horizonte de expectativa”. Os “enlatados” que fornecemos aos jovens não respondem às suas questões, por falta de interacção.

Em virtude da sua natureza de mediação e de revelação, a arte “ameaça” a religião de idolatria. A obra de arte subjuga através da sua graça como magia mas não revela (Lévinas). Mas há um ponto em que a dimensão estética comunica com a religião sem fricção nem contestação: a ordem do coração e da sensibilidade. Até porque há uma razão imposta agora pelo acontecimento da Encarnação (o Deus feito homem é visível). A arte inclina-nos para um “sagrado anónimo” e a liturgia para o Santo. É entre os dois mundos que o homem vivo tem de encontrar-se.

Em 1964 John e Dominique de Menil encarregaram Rothko da realização dos murais para uma capela em Houston; nos enormes trípticos obscuros que cobrem a forma octogonal daquele recinto não há qualquer figura. As pinturas de Rothko são uns grandes espelhos, opacos e mudos, imagens obscuras, sem luz própria nem rosto, voltadas para si próprias. Diante delas, só a palavra de Paulo pode iluminar-nos: *Agora vemos como por um espelho, em enigma, mas então veremos face a face* (1 Co 13, 12).

JOSÉ AUGUSTO MOURÃO (DCC - UNL)

O labirinto milenarista: medos do passado, desafios do futuro

Estamos a chegar ao fim do século XX e prestes a celebrar o advento do III milénio cristão. Tal facto, explorado, por vezes, pelos Média sensacionalistas, faz ressuscitar na mentalidade colectiva das gentes um próloquio relativamente recente que afirma “Aos Dois mil chegarás, dos Dois mil não passarás”. E, assim, se propaga um síndrome de medos e terrores paralizantes que deixam os crentes quase tolhidos, quando, na verdade, o que temos é de nos encher de coragem e enfrentar o futuro com responsabilidade e optimismo. Se o tempo cronológico passa de pressa e cria o stress do desgaste, o sentido teleológico da fé e do progresso suscita a esperança cairológica de poderemos “ver a salvação de Deus” e o êxito do homem.

O Cristianismo advoga a ideia dum novo advento do Reino de Deus, a que os estudiosos do cristianismo chamam *Parusia*, isto é, nova presença ou manifestação de Deus em Cristo. Por isso, a tensão do fim, a escatologia, em termos de linguagem cristã, tem a sua expressão mais forte no Milenarismo. De facto, o Milenarismo nasceu a partir da interpretação literal do texto de Apocalipse 20,1-6, adensada, sem dúvida, pela expectativa cristã primitiva na *Parusia* de Jesus, como testemunham as Cartas aos Tessalonicenses. Desde então, constitui um síndrome labiríntico de largo espectro, já que na diacronia da acidentada história cristã, se-lhe tem feito a aproximação dos termos *Parusia*, enquanto advento e presença gloriosa de Cristo como Juíz do mundo, e *Escatologia* como Fim e destruição do Mundo. Deste modo, o termo MILENARISMO serve para cobrir as realidades escatológicas ou apocalípticas com que se quer inculcar a ideia de fim e destruição do planeta terra, sobretudo em momentos de grande agitação e angústia

social, política e religiosa, mas anda sempre associada à ideia de retorno de Cristo. Assim, quando queremos definir o Milenarismo e analisar a linguagem com que dele se fala, é que nos damos conta da complexidade do problema e da carga semiótica com que a fantasia crendeira o têm sobrecarregado ao longo da história.

1. Origem e antecedentes do Milenarismo

Está em causa a interpretação de Apoc. 20, 1-6. Trata-se, com certeza, dum texto figurado em que o autor quer afirmar o domínio de Deus e de Cristo, enquanto forças de bem e de graça sobre o demónio e o Anticristo, enquanto potências geradores de todo o mal no mundo dos homens. De resto, todo o livro do Apocalipse, na sua concepção e construção, se baseia no género literário apocalíptico sempre expresso em rica e variada linguagem figurada. Na realidade, por meio de imagens mais ou menos grandiosas e fantásticas, o que se pretende é retratar situações de conflito e dualismo. Daí, aquela terrificante sucessão de visões, desde os cavaleiros aos animais, que ilustram os grandes combates do cristianismo nascente confrontado com as perseguições do gigantesco império romano. Com lupa de engrandecimento e fé, o autor do livro quer significar que as forças do mal não levarão a melhor e é por isso que, neste passo crucial, apresenta, de modo alegórico, o demónio aprisionado e acorrentado durante mil anos para que a força do bem, emblematizada por Cristo, traga ao mundo dos crentes, ainda que por breve tempo, uma era de paz e de sossego. Desta forma anti-tética e em termos quase litúrgicos, o autor do Apocalipse vislumbra a derrota de Gog e Magog, duas misteriosas e lendárias figuras da literatura profética para prefigurar os chefes das hordas invasoras da Judeia (Ez. 38,3; 39,6), antecipações simbólicas e prefigurativas da luta espiritual de Satanás e do Anticristo, enquanto síntese aberrante dos exércitos deste mundo em combate contra o Reino de Deus. Depois, seria o triunfo e o estabelecimento do reinado glorioso de Cristo e seus eleitos sobre a terra pacificada durante mil anos. É claro e óbvio tal objectivo na intenção do hagiógrafo. De facto, no seu relativismo hermenêutico, o texto citado do Apocalipse nada mais quer significar. Mas os espíritos temerosos e fantasiosos é que não se podem satisfazer com

interpretação tão linear e vai de polarizar e empolgar o texto numa espécie de fundamentalismo literalista e grosseiro.

A linguagem apocalíptica tem antecedentes e história. Foi muito usada pelos judeus no período helenístico perante o suceder-se de calamidades com que o Povo Eleito de Javé parecia condenado, e até já antes os profetas a tinham aplicado de forma didático-pragmática para melhor evidenciar o mal e seu castigo. Hoje, as pessoas fixam-se na leitura do livro do Apocalipse de S. João e poucos lêem os apocalipses apócrifos do Antigo Testamento e do Intertestamento. E todavia, é ali que encontramos as mais numerosas e inspiradas obras deste género literário tão marcante. A escatologia, alimentada por movimentos apocalípticos, sempre foi a mola accionadora de revoluções e situações anárquicas norteadas pela utopia de quimeras políticas, religiosas e sociais.

A primeira tentativa de seccionar o tempo e apresentá-lo em esquema tripartido encontra-se no IV Livro de Esdras ¹, apócrifo do final do séc. I da Era Cristã.

A referência ao ano 1000, de alcance cairológico, resulta do facto de ser um número de totalidade, que a matemática da Mesopotâmia tinha valorizado e cujo valor de medida de tempo e de plenitude os judeus da Bíblia viam emblematizado naquela afirmação do Salmista: "Mil anos diante de vós, Senhor, são como o dia de ontem que já passou ou como a vigília da noite" (Sl. 90(89),4). Mas, até Platão supunha que a purificação das almas levaria mil anos.

É certo que o milenarismo nunca foi condenado. Orígenes, grande pensador cristão do séc. III, considerava-o um disparate

¹ "26 Ecce tempus veniet, et erit quando venient signa quae praedixi tibi, et apparebit sponsa, et apparens ostendetur quae nunc subducitur terra; 27 et omnis qui liberatus est de praedictis malis, ipse debet mirabilia mea. 28 Revelabitur enim filius meus Jesus cum his qui cum eo sunt, et jucundabuntur qui relictis sunt in annis quadringentis. 29 Et erit post annos hos, et morietur filius meus Christus, et omnes qui spiramentum habent homines. 30 Et convertetur saeculum in antiquum silentium diebus septem, sicut in prioribus judiciis, ita ut nemo derelinquatur. 31 Et erit post dies septem, et excitabitur quod nondum vigilat saeculum, et morietur corruptum; 32 et terra reddet quae in ea dormiunt, et pulvis in eo silentio habitant, et promptuaria reddent quae eis commendatae sunt animae. 33 Et revelabitur Altissimus super sedem iudicii, et pertransibunt miseriae, veritas stabit, et fides convalescet 35 et opus sussequetur, et merces ostendetur, et iustitiae vigilabunt, et iniustitiae non dominabuntur" (IV Esdr. 7, 26-35).

judaizante de interpretação literal e, nos nossos dias, face à pressão pessimista e social que pode criar ao nível das mentalidades, a Igreja desaprovou-o e o Catecismo Católico apresenta-o como “falsificação do Reino de Deus”².

No sentido original, o Milenarismo é a crença no reinado glorioso de Cristo com seus eleitos durante mil anos sobre a terra para extirpar as potências do mal. Como tal, o Milenarismo é a fase penúltima da História da Salvação, a que se seguirá a última fase, a escatológica, com a vinda do Anticristo³, o combate decisivo, o fim do mundo, o juízo final e a ressurreição dos mortos. Repare-se que mesmo entre os egípcios faraónicos, de milhares de anos antes de Cristo, a ideia de morte com a psicostasia ou pesagem das almas e julgamento no tribunal de Osíris, o deus do Além e da vida subterrânea, suscitava imagens fantásticas e oníricas que o “Livro dos Mortos” descreve com pormenor.

Do ponto de vista linguístico chama-se-lhe também *Quilianismo*, da palavra grega que significa mil. Mas este número reveste formas flexíveis conforme a interpretação que se dá aos textos. É, assim, que se distingue *Milenarismo absoluto* ou grosseiro, em que os mil anos se tomam à letra como referindo-se a promessas de bens temporais. Tais bens seriam gozados no interlúdio de mil anos antes do fim do mundo com a presença de Jesus. Distingue-se ainda o *Milenarismo mitigado*, quando se entrevê apenas um reinado de justiça e harmonia universal, sem que se caia no literalismo radical mesmo a respeito dos mil anos.

² O Santo Ofício deu a seguinte resposta: *Systema millenarismi mitigati tuto doceri non potest, Acta Apostolicae Sedis*, Vaticano, 36,1944,212; Cf. GILLEMANN, G. – *Condemnation du millenarisme mitigé. Nouvelle Revue Théologique*. 1945, 239. Por outro lado, afirma-se no Catecismo da Igreja Católica: “A suprema impostura religiosa é a do Anticristo, isto é, dum pseudo-messianismo em que o Homem se glorifica a si mesmo, substituindo-se a Deus e ao Messias Encarnado. Esta impostura anticristica já se esboça no mundo, sempre que se pretende realizar na História a esperança messianica, que não pode consumir-se senão para além dela, através do juízo escatológico. Mesmo na sua forma mitigada, a Igreja rejeitou esta falsificação do Reino futuro sob o nome de milenarismo, e principalmente sob a forma política dum messianismo secularizado, “intrinsecamente perverso”, (*Catecismo da Igreja Católica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993, 161, par. 675-676.

³ BARBUTTO, Gennaro Maria – *Il principe e l'Anticristo*. Napoli: Guida, 1994.

O Milenarismo é, por conseguinte, uma ideia cristã, que vem dos primórdios da Igreja, uma ideologia de saudosismo pelo regresso de Cristo e de medo pelo fim do mundo, que espera no futuro o regresso do passado utópico. Está ligado a pretensas revelações, visões e aparições e dá origem a uma prolífera teia de literatura visionário-apocalíptica, por vezes manipulada até por agentes da religião a fim de incutir temor e salvaguardar moralidade ou posições estrategicamente programadas⁴. É isso que faz o sucesso do labirinto milenarista, agora assumido e tão explorado pelos meios de comunicação social.

Nos primeiros tempos da Igreja, marcados pela premência da Parusia, que o grito litúrgico e entusiasmado – *MARANATHÁ* – dos cristãos bem realça (I Cor. 16,22; Ap. 22, 17.20), não faltaram teólogos e escritores de cariz milenarista: Papias, Justino, Irineu, Tertuliano, Lactâncio. E milenaristas foram algumas heresias sectárias dos primórdios cristãos (ebionitas, cerintianos, montanistas), todas elas a querer atrair seguidores com a ameaça do eminente juízo de Deus. Afinal, ao longo da história do cristianismo ocidental, nos momentos de crise, como hoje, a ideia milenarista reaparece e alastra sob formas bizarras, mirabolantes ou terrificantes. Por isso, não é sem razão que, neste fim de milénio, se lembra e repete o ameaçador próloquio apocalítico com aproximações ao ANO MIL: “Aos Dois mil chegarás, dos Dois mil não passarás”.

2. Do ANO MIL até hoje

Com as invasões dos bárbaros nos séculos V-VI, a Igreja e o mundo ocidental atravessaram uma onda de pessimismo avassalador. Paulo Orósio, natural da região de Braga, que fugira atarantado das invasões dos suevos para se refugiar em África junto de Santo Agostinho, deixou uma obra que reflecte o medo pavoroso da época,

⁴ GREGORI, Monsenhor Aldo – *A vinda intermédia de Jesus*. Vila Nova de Famalicão: Editora Boa Nova, 1994. Este livro, difundido em Portugal e no Brasil, mas traduzido do italiano, é obra dum sacerdote católico, Monsenhor, recentemente falecido (24/II/1994). Parece ter estado ligado ao Movimento Carismático e, através da acção do Espírito, ter-se-ia tornado agente propagandístico do temor milenarista. Cf. “Pergunte e Responderemos”, Rio de Janeiro, Ano XXXVIII, N° 416, 1997, 32-38.

mas nunca fala de milenarismo ⁵. Foi o seu mestre, Santo Agostinho ⁶, quem contribuiu para dar ao cap. 20 do Apocalipse uma interpretação espiritual que se impôs e, entre os sécs. V-XI, provocou o grande silêncio milenarista, ficando para a posteridade apenas a utopia do futuro melhor ou o medo dos cataclismos escatológicos. Historicamente, não consta que tenha havido o “Terror do ANO MIL”, e nós diremos mesmo que a lenda negra da Idade Média obscurantista não passa dum mito forjado pelo racionalismo e pelo positivismo dos sécs. XVIII-XIX para condenar a cultura católica na luta entre a ciência e a fé, entre a razão e a revelação ⁷. Podemos também afirmar que, depois, o “terror do Ano Mil” foi explorado por certos sacerdotes dentro duma perspectiva pastoral que, através do medo, procurava incrementar a fé e a moral. Não se prova, contudo, que os cristãos da Europa se tenham sentido avassalados pela incubo milenarista e escatológico ⁸, por mais que certos cataclismos e desastres fizessem surgir imediatamente a ideia bíblica do Fim do Mundo e da Vinda do Anticristo ⁹.

Vejam, entretanto, o que se pode dizer acerca do hipotético labirinto milenarista desde a Idade Média.

É certo que em documentos medievais de carácter dispositivo (testamentos e mandas) aparece a expressão “*appropinquante fine mundi*” que, em paralelismo com estoura “*timens diem mortis meae*”, afinal não passa duma fórmula estereotipada para indicar a proximidade da morte física do legatário.

Consta que as actas do Concílio de Trosly, 909, no Departamento de Oise, perto de Paris, admitiam a hipótese e iminência do fim do mundo, mas sem o anunciar para o ano Mil. Como sinais abonatórios

⁵ ORÓSIO, Paulo – *História contra pagãos*. Tradução de José Cardoso. Braga: Universidade do Minho, 1985. Perpassa na obra um frémito de medo e de catástrofe, “consequência evidente do pecado”, mas sem qualquer referência a milenarismo apocalíptico. Cfr. Livro I, Cap. 1, p. 26.

⁶ SANTO AGOSTINHO – *A Cidade de Deus*. Tradução portuguesa, Vol. 3. Lisboa: Edição da Fundação C. Gulbenkian, 1995, Livro , Cap. XX,9).

⁷ Num artigo recente, escreve Jean DELUMEAU: La recherche historique a prouvé depuis déjà un bon nombre d’années qu’il s’agit d’une légende créée au XIX siècle. *La Vie Catholique Illustrée*. 2877 (1996) 58-59.

⁸ OLGATI, Francesco – Mille e non più mille. *Vita e pensiero*. 1951, 310-314.

⁹ Caso significativo é o do Pe. Gerberto Lausser, que sabemos ter reconstituído e descrito o estado de espírito dos homens do Ano Mil, mas cuja obra não nos foi possível ler.

da catástrofe, à maneira do discurso escatológico de Jesus (Mt. 25-26), lá estavam as invasões dos húngaros, muçulmanos e normandos.

Curioso é referir que o escritor beneditino cluniacense, Rudolfo (Raúl) Glaber (985-1046), ultrapassando o esquema da história nacional, relata, em perspectiva diacrónica, os acontecimentos entre 980 a 1020; fala de fomes, cataclismos e desastres que exacerbaram o fervor religioso, sem, todavia agitar o espantinho milenarista ¹⁰, abrindo-se até à unificação do Ocidente europeu e ao mundo eslavo, bizantino e muçulmano. Não nega, porém, que alguns factos mais extraordinários tenham tido por parte de alguns, “*satis caute*”, uma interpretação apocalíptica, como a ruína da Basílica do Santo Sepulcro de Jesus no ano 1010, e é nesse contexto que procura explicar o porquê de tantas peregrinações a Jerusalém e ao Oriente ¹¹.

Mesmo que o abade Odilão de Cluny tenha pessoalmente acreditado na iminência do fim do mundo, o optimismo monástico da época e a difusão da reforma beneditina de Cluny são prova da vitalidade e da esperança que animava o mundo cristão que, logo de seguida, como diz o mesmo Glaber a respeito do ano 1003, cobria a terra dum manto de alvas igrejas ¹². Este monge cluniacense, que foi testemunha da passagem cronológica do ano mil e se fez cronista dos

¹⁰ GLABER, Rudolphus – *Historiarum libri quinque*. In MIGNE – *Patrologia Latina*, CXLII, 609-698. Uma vez, a respeito duma heresia surgida em Ravena e através da Sardenha vinda para a Espanha, onde provocou várias mortes por parte dos católicos, comenta: *Quod praesagium Joannis prophetiae congruit; quia dixit Satanam solvendum expletis mille annis, de quibus in tertio jam libello prolixius tractabimus*, “P. L.”, CXLII, 644. Depois, refere-se ao ano Mil da morte de Jesus, que é o ano 1033 do seu nascimento: *Imminente igitur anno incarnati Christi millesimo tricesimo tertio, qui est a Passione ejusdem Salvatoris millesimus*, “P. L.”, CXLII, 675. Acaba de ser publicada em França uma tradução da obra de Glaber: ARNOUX, M. – *Raoul Glaber. Histoires*. Turnhout: Brepols, 1996.

¹¹ “*Praetera dum quidam sollicitioribus qui, eo tempore habebantur, consulti a pluribus fuissent quid tantus populorum concursus ad Hierosolimam designaret, olim saeculi inauditus praeteriti, responsum est a quibusdam, satis caute non aliud portendere quam adventum illius perditionis Antichristi, qui circa finem saeculi istius, divina testante auctoritate, praestolatur adfuturus. Tunc et gentibus universis via Orientis plagae, unde venturus est, patefacta, obviam illi cunctae nationes incunctanter sint processurae*”, *Ibidem*, Lib. IV, Cap. VI, 681-682.

¹² *Erat enim instar ac si mundus ipse excutiendo semel, rejecta vetustate, passim candidam ecclesiarum vestem indueret*, “P. L.”, CXLII, 651.

acontecimentos de então, está longe de ser um atormentado pela ideia milenarista. Havia, sem dúvida, os medos da fome, da peste e da guerra e outros, sobretudo o medo do Inferno¹³. Mas não havia o medo do Ano Mil; ele não metia medo a ninguém, até porque ainda não havia a nossa contagem dos anos a partir do Nascimento de Cristo. Recorde-se que em Portugal foi D. João I quem determinou por lei de 22/VIII/1422 a contagem cristã dos anos a partir do Nascimento de Cristo¹⁴. Como até então se seguia a Era de César ou Hispânica, que anda 38 anos adiantada, o ano de Cristo de 1422 era o da Era de 1460. Por isso, quando nós hoje falamos de ANO MIL, estamos a usar um anacronismo, já que para os homens da Idade Média esse era o ano 1038. De resto, vigoravam então na Europa mais dois tipos de cronologia: a judaica, na qual o ano 1000 corresponde ao ano judaico 4760 da criação e a muçulmana em que, segundo a Hégira de Maomé (698), o ano 1000 cristão equivaleria ao ano 302 do Alcorão. Isto basta para mostrar o irrealismo do TERROR DO ANO MIL.

Deve saber-se ainda que, na Idade Média, ao Apocalipse se associava a leitura dos *Oráculos Sibílinos* da literatura antiga que, traduzidos do latim, alcançaram enorme crédito. A eles se juntava o opúsculo *Quinze Sinais dos tempos* e as *Profecias de Merlin*, vindas de Inglaterra em meados do séc. XII. É então que Gerhoh de Reichersberg, à vista do estado lastimável da Igreja, compõe o *De manifestatione Antichristi*, elaborando um sistema simbólico para compreender a história moral da sociedade¹⁵.

Por essa altura, o místico S. Bernardo chegou mesmo a exprimir ideia oposta a S. Norberto que, no seu fervor de orador sagrado para iscar e converter os pecadores, pregava a iminência do fim do mundo¹⁶.

Poderíamos, de algum modo, apontar as Cruzadas, depois do falhanço do Reino Cristão de Jerusalém, sobretudo as do Povo ou dos

¹³ DUBY, Georges – *Ano 1000 ano 2000: No rasto dos nossos medos*, Lisboa: Teorema, 1997.

¹⁴ *Ordenações Afonsinas*, L. IV, Tit. LXVI.

¹⁵ PASCAL, Paul – *Histoire intellectuelle de l'Occident Médiéval*. Paris: Armand Colin, 1973, 315-326. Cf. DUBY, GEORGES – *O Ano Mil*. Lisboa: Edições 70, 1980; FOCILLON, Henri – *L'An Mil*. Paris, 1952.

¹⁶ BERNARDUS CLARAVALENSIS, s. – *Opera omnia, Epistola LVI*. Antuerpia, 1620, 1441.

Pastores, na Picardia, Brabante e Flandres; de per si, elas apareciam tão somente como tentativas de tipo milenarista para abater os poderosos e socorrer os humildes e miseráveis¹⁷.

Mas o mais significativo movimento de carácter apocalíptico da Idade Média foi o do monge cisterciense, Joaquim de Fiore (1130-1202), na Calábria, sul da Itália, que se havia de projectar no futuro como figura verdadeiramente emblemática do milenarismo. Nesse tempo, Frederico II da Alemanha ameaçava a Igreja como látego de Deus; os muçulmanos, quais inimigos do Reino de Deus, ameaçavam a Europa cristã. Para espíritos crentes e timoratos, dir-se-ia que o fim do mundo estava próximo. Nesse contexto de perturbação generalizada, Joaquim de Fiore lançava ideias renovadoras; escrevia o livro *Concordia Novi et Veteris Testamenti*¹⁸ apontando as três idades do mundo, em 42 gerações de 1260 anos: De Adão a Cristo, de Cristo a 1260 e de 1260 até ao fim do mundo. Entrar-se-ia, então, na etapa final do Reino de Deus para os Eleitos, sem culto nem igrejas, em santa pobreza e plena liberdade. Seria a *Ecclesia Spiritus*¹⁹. O milenarismo pacifista de Joaquim de Fiore fez adeptos entre os franciscanos espirituais e foi saudado por Dante como obra dum “profeta”. Mais tarde, Júlio Michelet havia de o apresentar como evangelizador da “idade do livre espírito e da ciência” ao mesmo tempo que denegria a Idade Média, enquanto Augusto Comte e Frederico Engels tomaram dele a ideia de dividir a História em três períodos. Por fim, nos nossos dias, um marxista da ténpera de Ernst Bloch verá em Joaquim de Fiore um dos que, no mundo, fizeram “brilhar a centelha que jamais se apagará”.

Em 1254, Gerardo de Borgo San Domenico ou San Donnino, frade espiritual de Pisa, radicalizou as ideias de Joaquim de Fiore no seu livro *Liber introductorius ad Evangelium aeternum* e previu para 1260 o fim da Igreja de Roma, que daria lugar à Igreja Espiritual

¹⁷ COHN, Norman – *Na senda do milénio: Milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da Idade Média*. Lisboa: Editorial Presença, 1981, 83s.

¹⁸ LEE, Harold; REEVES, Maryoree; SILANO, Giulio – *Western Mediterranean Prophecy: The School of Joachim of Fiore and the fourteenth-century Breviloquium*. Toronto: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 1989 (Studies and Texts, 88).

¹⁹ DUPUY, B. D. – *Joachim de Fiore; Joachimisme*. In *Catholicisme*. Vol. 6. Paris: Letouzey et Ané, 1967, 878-895.

através dos franciscanos espirituais. Daqui terá início a heresia do livre espírito que, sob a chefia de Amaury do Béne, levará uma espécie de super-homens amorais a cair em anarquia mística sendo combatidos por Santo Alberto Magno. Entretanto, o papa Alexandre IV (1254-1261) condenou o *Liber introductorius* e a demissão de João de Parma, ministro geral dos Frades Menores, acelerou o refluxo do movimento. Diz-se que, depois, o papa Bonifácio VIII (1294-1303) teria comentado “Porque é que estes imbecis esperam o fim do mundo?” mostrando a impossibilidade do Pontífice e das autoridades da Igreja apoiadas na promessa de Jesus sobre a eternidade da Igreja em compreender os espirituais que viviam a dinâmica do provisório e a tensão mística da finitude e da renovação espiritual.

A ideia de fim do mundo agravar-se-ia com o eclodir da Peste Negra (1348) que activou o movimento dos flagelantes perante o estado caótico da Igreja confrontada com o Grande Cisma do Ocidente (1378-1417), por mais que teólogos da envergadura do Cardeal Pedro d’Ailly (1350-1420) rejeitassem o pessimismo geral e as profecias a ele conducentes.

Outro tipo de milenarismo revolucionário e belicoso vai aparecer com o movimento dos radicais boémios e checos incitados por João Huss (1369-1415), seguidor das ideias de Wiclef e queimado por ordem do Concílio de Constança. Outro tanto se lhe pode associar a revolta dos Camponeses da Turíngia acicatados por Tomás Muentzer desde 1525, dando origem à Guerra dos Camponeses que tanto incomodou o próprio Lutero. Foi em consequência disso que anabaptistas exaltados ocuparam a cidade de Muenster, julgando que Cristo ali iria descer à terra para estabelecer a Nova Jerusalém. Talvez este tenha sido a mola precursora e accionadora do milenarismo comunitarista e igualitário que, de forma ideológica, iria desembocar em movimentos políticos revolucionários e marxistas.

Já na Idade Moderna, Cristovão Colombo (1451-1506) deixou-se guiar pelas ideias de Joaquim de Fiore e pela literatura apocalíptica na miragem de descobrir o novo mundo, considerando as suas viagens como a última missão cristã²⁰.

²⁰ GIL, Juan – *Miti e utopie delle scoperte. Cristoforo Colombo e il suo tempo*. Milão, 1991.

A história ocidental cristã, em momentos de crise, mostra como reaparece constantemente a ideia milenarista sob formas bizarras, com força e poder de sedução sobre o inconsciente colectivo da sociedade, activada, não raras vezes, por clérigos ou pregadores exaltados. Lembremos em Portugal a importância das profecias de Gonçalo Anes Bandarra (1500-1550), o sapateiro de Trancoso²¹, que tanto impacto teve no mito de D. Sebastião, o Encoberto, depois da Batalha de Alcácer Quibir (1580), e cujas trovas formaram o “Evangelho do Sebastianismo”. Quem desconhece como o Pe. António Vieira com a “História do Futuro” embarcou na nebulosa crença do “Quinto Império”? E que dizer das profecias de Nostradamus (1503-1566)²², que, com as suas “Centúrias”, é o profeta do fim do mundo? E, nos nossos dias, boa parte da obra de Fernando Pessoa e de Agostinho da Silva está marcada por um esoterismo cultural que raia pela ideologia milenarista e do Quinto Império.

Também, ainda hoje, muitas seitas protestantes de cariz apocalíptico, com o suporte da Bíblia lida de forma fundamentalista, retomam a utopia religioso-político-social, enredando ainda mais o labirinto do milenarismo: Anabaptistas, Adventistas, Mormons, Testemunhas de Jeová, Igreja da Unificação de Moon, o movimento da *New Age* e todos aqueles que, religiosamente, vivem a premência do fim do mundo, na perspectiva de calamidades e desgraças.

Tal não nos admira. De forma geral, os movimentos milenaristas cristãos apresentam características comuns que os sociólogos realçam: promessa iminente dum evento sobrenatural; subversão da ordem cósmica ou social; vida comunitária emocional e utópica; duração

²¹ BANDARRA, Gonçalo Annes – *Profecias do Bandarra*. 2ª Ed. Lisboa: Vega, 1995. Col. “Janus”.

²² NOSTRADAMUS, Miguel – *As Profecias de Nostradamus*. Texto integral e autêntico das Centúrias, explicado e comentado até ao ano de 1999. Edição bilingue conforme a edição de 1605. Prefácio e comentário de Serge Hutin. 2ª Edição. Mem Martins: Edições Europa-América, 1995; ID. – *Profecias de Nostradamus*. 2ª Ed. Lisboa: Vega, 1995. Col. “Janus”. Estudos recentes tentam desmontar o seu visionarismo: AMADOU, Robert – *L’Astrologie de Nostradamus: Dossier*. Poiss: ARRC, 1992; CLÉBERT, Jean-Paul – *Nostradamus*. Aix-en-Provence: Edisud, 1993; DE FONT-BRUNE, Jean-Charles – *NOSTRADAMUS, Historiador e Poeta: As profecias de 1555 ao ano 2000*. Lisboa: Editorial Presença, 1997; LEROYX, Edgar – *Nostradamus. Ses origines. Sa vie. Son oeuvre*. Marseille: Lafitte, 1993.

breve do movimento. Sociólogos e antropólogos²³, como Kenelm Burridge, tentam explicar, de forma sistemática, pelo difusionismo cultural das religiões melanésicas, recentemente descobertas, certos fenómenos sócio-religiosos actuais que lhe estão muito distantes no tempo e no espaço. O milenarismo e os movimentos de raiz cristã associados nasceram na(s) Igreja(s) e seria erro de perspectiva cultural analisá-los por aquele prisma antropológico. O milenarismo, como doutrina messiânico-escatológica e utopia de futuro, é uma ideologia retintamente cristã. De esperança jubilosa no encontro com o Cristo glorioso, Senhor da História e Juiz do mundo, segundo a visão do Apocalipse, a crença milenarista, manipulada por exploradores das fobias humanas, pode transformar-se em pesadelo gerador de reacções racionalmente incontroláveis²⁴. Por isso é que, com frequência, os entusiasmos milenaristas degeneram em tragédias de suicídios colectivos.

3. Os desafios do 3º Milénio cristão

Para os verdadeiros cristãos, Jesus Cristo é o Senhor do tempo. Fez o discurso escatológico (Mt. 24-25; Mc. 13), que tem mais de anúncio profético de destruição de Jerusalém e sinal da chegada do Messias do que de ameaça do fim do mundo. Por isso, interrogado, já naquele tempo, sobre o fim do mundo e calamidades apocalípticas subsequentes, limitou-se a responder que isso pertence aos desígnios de Deus: “Ninguém sabe... Só o Pai é que sabe” (Mt. 24,36).

O papa João Paulo II, consciente de que um milénio cristão é apenas uma etapa intermédia da História da Salvação, proclamou para o ano 2000 a celebração dum grande jubileu em Roma e escreveu a Encíclica “*Tertio Millenio Adveniente*” (10/XI/1994). Sem se deter na perspectiva de hipotéticos terrores, o papa lança um alarme, sim, mas

²³ HOLMBERG, Bengt – *Historia social del cristianismo primitivo. La sociologia y el Nuevo Testamento*. Córdoba: Ediciones El Almendro, 1995.

²⁴ INTROVIGNE, Massimo – *Mille e non più Mille*. Milano: Gribaudi, 1995; *Expectativas de Fim do Mundo e Milenarismo*. “Pergunte e responderemos”. Ano XXXVII, N° 415, Rio de Janeiro, 1996, 530-541.

para a “nova evangelização” e para os desafios que mais uma era de graça representa para os cristãos. O grito exortatório “Abri as portas a Cristo!” é um incentivo optimista e exigente de empenhamento de fé e acção apostólica.

Julgo, portanto, que os cristãos não têm que andar a amedrontar-se com hipóteses de calamidades e castigos. As calamidades são de todos os tempos, sucedem-se ao ritmo do descontrole das forças da natureza e ultrapassam as simples previsões humanas, como nestes dias, trágicamente, temos estado a observar entre nós. Os portugueses que morreram na Ribeira Quente dos Açores ou no Alentejo, vítimas das chuvas e dos temporais, eram mais pecadores do que nós? Interpretar as suas mortes como castigos de Deus é colocar o Deus da “Bondade e da Misericórdia” no número dos cruéis e despóticos tiranos, ainda que se faça com a melhor intenção pastoral para converter pecadores impedernidos.

Ser cristão, enfrentar o futuro com fé crista nunca pode significar seguir a política dos braços caídos e da confiança cega na vontade dum Deus “*ex machina*”. Na pessoa dos Apóstolos, foi aos cristãos e discípulos de todos os tempos que Jesus disse “sereis minhas testemunhas até aos confins do mundo” (Act. 1, 8). Há que assumir o cristianismo não como uma religião que se pratica, mas como uma fé que se vive e pela qual comprometemos a nossa vida em todas as suas dimensões.

Por conseguinte, a Igreja do 3º milénio verá o aparecimento do laicado como uma nova primavera da Igreja. Os padres serão sempre precisos, mas não tantos que inutilizem a co-responsabilidade dos leigos. “Com um só coração e uma só alma” (Act. 2, 42) foram eles a força expansiva e unitiva da Igreja nascente. Só por comparação inadequada com o papel activo de políticos é que nos podemos preocupar com a crise de vocações sacerdotais. A Igreja é um mistério de graça e não uma instituição de eficiência mecânica. Talvez que, nos nossos dias, a fraqueza e crise do sacerdócio sejam o preço de afirmação do laicado cristão.

Outro ponto que me parece ser um desafio do terceiro milénio é o primado da evangelização, a tão falada “nova evangelização” de Joao Paulo II. Vivemos muito do conservadorismo da pastoral sacramental que se desenvolveu depois do Concílio de Trento e que

fez, no Ocidente Europeu, o cristianismo sociológico, que leva alguns a afirmar ingénuo e tranquilamente, “sou cristão não praticante”. Tudo se resume a administrar e a receber mecanicamente, magicamente, os sacramentos cíclicos da Igreja: Baptismo ao nascer, Comunhão ao atingir a idade da razão, Matrimónio ao chegar à idade de adultez social e Santa Unção ao aproximar-se da morte com o consequente enterro religioso e missa de sétimo dia, ainda que se tenha vivido toda a vida como periférico e marginal à prática religiosa. É imperioso e urgente inverter esta situação religiosamente caricata e anómala.

Reputo como absolutamente indispensável assumir o desafio da modernidade, enquanto ela se traduz em cultura e promoção humana. Não basta levar as crianças à catequese, fazer cristãos devotos com missinhas e procissões; é urgente que sejam esclarecidos nas verdades da sua fé, iniciados na leitura da Bíblia enquanto Palavra de Deus, culturados nos conhecimentos da sua religião. Nunca se deveria poder afirmar que “a religião é o ópio do povo”. Porque não uma campanha de alfabetização religiosa ou catequese de adultos? Às vezes, pasmo comigo ao conversar com médicos, engenheiros e doutores e ao verificar que são crianças ignorantes em religião e suas implicações morais. Tanto caminho a andar para chegarmos a um cristianismo esclarecido e culto. Podemos pecar por fraqueza moral; nunca deveríamos pecar por falta de esforço mental.

Julgo ser também um desafio do terceiro milénio a importância a dar à luta pela justiça social e à afirmação da ecumenicidade do cristianismo com a tolerância de outras religiões e crenças (combate à pobreza, socorro aos pobres, ajuda aos países do terceiro mundo explorado, movimento ecuménico das igrejas). Afinal, todo o homem é nosso irmão, como ensina a parábola do Bom Samaritano (Lc. 10,25-37).

E poderia alargar o rol dos desafios do terceiro milénio cristão. Fiquemo-nos por aqui. Se um Jubileu é sempre Memória e Celebração, não podemos esquecer o imperativo de Jesus “Fazei isto em memória de Mim!” (Lc. 22,19). Ao findar do II Milénio cristão e ao iniciar do III, fazer memória de Jesus é assumir com todas as veras da nossa alma a certeza da sua presença salvífica (“Eu estarei convosco todos os dias

até ao fim do mundo”, Act. 1,9), empenharmo-nos comprometidos com o Seu Evangelho na Igreja e na Sociedade vivendo a dinâmica do provisório pelo qual se caminha para a eternidade.

Conclusão

A sociedade ocidental, de raiz cristã, materialista e consumista, vive num estado de milenarismo latente, mais ou menos premente e angustiante, que os meios de comunicação social exacerbam quando nos informam de casos de suicídios colectivos ou eles próprios se põem a explorar as doências fobias daqueles que, não acreditando em Deus, ainda se enchem de temor quando ouvem “Aos dois mil chegarás, dos dois mil não passarás”. Os ecos do Apocalipse continuam a ressoar fortemente e a alimentar a expectativa messiânica da Parusia; funcionam como elemento de tensão que, projectando crentes ingénuos e tímidos no futuro, mais não fazem do que alargar o espectro do labirinto milenarista, criando um trágico síndrome de esperança e de desilusão, que acaba em crise de desespero. Do ponto de vista da fé, o Milénio que se avizinha não será mais tormentoso que os dois primeiros milénios. Para os crentes, será mais um dom providencial da generosa longanimidade de Deus em que o homem, “neste vale de lágrimas”, deveria viver o “HOJE”, da Salvação segundo a esperançosa mensagem de Jesus Cristo no Evangelho de S. Lucas, recuperando, aliás, todo o optimismo da promessa do Êxodo na perspectiva da fidelidade do Povo hebraico a Javé e à sua Aliança (Dt. 8,1.11.18; Cfr. Sl. 94(95),8). Não somos filhos do medo pagão, que atemoriza e derrota, mas da esperança cristã, sempre despertos pelo grito litúrgico e entusiasmante do *Maranathá* “Vem, Senhor Jesus”! Pela sua origem essencialmente cristã, o labirinto milenarista só é verdadeiro na medida em que conduz tudo e todos segundo o sentido teleológico da escatologia cristã, quando Deus por Jesus realizar “tudo em todos” (I Cor. 12,6; 15,28). Para a fé cristã, o mundo terá um fim, e esse é o milenarismo real que, para cada crente, se realiza com a morte, enquanto passagem para a eternidade. Por isso, a Igreja procura evitar que se enfatue a doutrina milenarista, explorada por certas

correntes de espiritualidade exacerbada e angustiante, que, pontualmente, vão marcando a atribulada história da humanidade. Em contrapartida, neste findar de Milénio, toda a doutrina da Igreja se dirige no sentido de entusiasmar os crentes, fortificar os cristãos a retomar o optimismo da salvação e a empenhar-se no estabelecimento do verdadeiro Reino de Deus em Cristo, “Reino de verdade, de justiça, de amor e de paz”. Assim se faz a glória de Deus e a salvação do Homem, a celebração do “ano de graça do Senhor”, o incarnacionismo humanista autêntico segundo o programa de Jesus na Sinagoga de Nazaré! (Lc. 4, 16-30).

GERALDO J. A. COELHO DIAS, OSB/FLUP

Antoine-Frédéric Ozanam (1813-1853): o leigo cristão *

A figura do co-fundador e sócio activo da Sociedade de São Vicente de Paulo marcou um estilo de vida verdadeiramente precursor pela espontaneidade evangélica com que se deixa conduzir pelo Espírito Santo nas tensões da sua vida. Este estilo foi agora confirmado pela Igreja com a recente beatificação ¹, que tornou Ozanam modelo de identificação do laicado católico.

Os traços com que podemos definir hoje um leigo cristão não habitavam a mente dos contemporâneos de Ozanam, mas a força enérgica, com que irrompe em resposta ao tempo pós-Revolução Francesa, gera, na personalidade cristã do apóstolo do amor aos pobres, as características fundamentais do que viria a classificar-se como um fiel leigo.

Neste artigo pretendo, antes de mais, salientar as linhas típicas da espiritualidade emergentes no século XIX, campo iniciador da colheita conciliar do século XX. A vitalidade das gerações de oitocentos revela-se nos espíritos mais disponíveis, apontando, ainda que em esboço, a imagem do leigo cristão.

* Este artigo resulta de uma conferência pronunciada na Sessão solene comemorativa, na Biblioteca do Seminário Maior do Porto, promovida pela Sociedade S. Vicente de Paulo, no dia 26 de Outubro de 1997.

¹ NOS MURO, Luis – De la Universidad a los altares: a la Frederico Ozanam, catedrático de la Sorbona y defensor de los pobres. *Religión y Cultura*. 43: 201 (1997) 421-428.